



Venezuela em transe



Quem segura Donald Trump?

Às vésperas de completar o primeiro ano do novo mandato, o presidente dos EUA confronta o direito internacional e ignora a oposição interna para impor um estilo próprio de governo, sem freios nem contrapesos

» SILVIO QUEIROZ

A crise aberta pela incursão militar dos Estados Unidos na Venezuela, com projeções sobre a América do Sul e Latina — e, por extensão, sobre toda a teia de relações internacionais —, recolocou para diferentes atores do cenário geopolítico a questão de como lidar com o ímpeto imperial de Donald Trump. A menos de 10 dias de completar um ano desde o retorno à Casa Branca, o magnata dos imóveis tornado presidente só fez se acentuarem os traços que marcaram o primeiro mandato, entre 2017 e 2021: uma compreensão do país como superpotência hegemônica e do próprio cargo como algo semelhante à posição, que ocupou por décadas, de senhor absoluto de um complexo de empresas onde suas palavras e seus sempre tiveram poder absoluto e definitivo.

“Trump é um autocrata. Por isso age assim, tanto interna quanto externamente: porque comanda, sem freios e contrapesos, a única superpotência do mundo”, resume, em entrevista ao **Correio**, o cientista político Gunther Rudzit, professor de relações internacionais da ESPM. Entre os exemplos citados pelo estudioso, bem como por diferentes observadores, além de políticos e governantes do mundo inteiro, estão palavras e atos que marcaram os primeiros 12 meses de seu novo mandato. Logo nos primeiros dias, o presidente dos EUA anunciou a intenção de anexar a Groenlândia, ilha dinamarquesa no Ártico, e restabelecer a soberania de Washington sobre o Canal do Panamá. Chegou a namorar a ideia de fazer do Canadá o 51º estado da federação. E declarou ao mundo uma guerra comercial sem fronteiras, impondo indiscriminadamente sobretaxas às importações.

Nos últimos dias, as ameaças de intervenção se estenderam ao Irã, que teve as principais instalações nucleares bombardeadas pela aviação norte-americana no ano passado, em meio aos confrontos com Israel. Agora, Trump fala em intervir de novo contra o regime islâmico, inclusive militarmente, para conter a repressão a uma onda de manifestações contra a crise econômica alta do custo de vida — ambas, ao menos em parte, fruto de um duro regime de sanções imposto por Washington (**leia mais na página 12**).

“Ele não está propriamente mudando os EUA”, analisa o professor da ESPM. “Ele é o reflexo, o produto de mudanças na sociedade norte-americana.” Gunther Rudzit menciona como fatores para a ascensão do trumpismo, que no intervalo de uma década tomou de assalto o Partido Republicano — e, em âmbito mais amplo, o pensamento conservador no país —, a desindustrialização, a ampliação das distâncias entre ricos e pobres e

Brendan Smialowski/AFP



Trump entrevistado no Salão Oval da Casa Branca, que abriga o gabinete: onipotência questionada dentro e fora do país

um sentimento mais vago de perda da supremacia global ensaiada com a desmontagem da União Soviética, na última década do século 20, e o fim da Guerra Fria.

Unilateralismo

Talvez o traço mais marcante do que se poderia chamar de “modo Trump” de governar, no que se refere à política externa, seja a recusa frontal e a contraposição direta a tudo que se relacione com o multilateralismo — ou “globalismo”, como é definido, em tom pejorativo, nos círculos trumpistas. Ainda nos últimos dias, o presidente determinou a retirada dos EUA de mais de 30 organizações internacionais. A maior parte se dedica a temas ambientais, e uma parcela considerável integra o sistema das Nações Unidas. A exemplo do que tinha feito no primeiro período presidencial, Trump voltou a retirar os EUA do Tratado de Paris sobre mudanças climáticas, revogando a decisão de sentido

oposto tomada pelo antecessor imediato, o democrata Joe Biden.

“Não se constrói um império ficando isolado do mundo”, retorquiu o presidente da Colômbia, Gustavo Petro, ex-guerrilheiro e primeiro esquerdista a governar o país em dois séculos de história. Antes mesmo de invadir a Venezuela para capturar e levar a julgamento em Nova York o presidente Nicolás Maduro, Trump ameaçou seguidamente o presidente colombiano, a quem chamou de “narcoterrorista”. No marco do bloqueio naval imposto ao litoral caribenho venezuelano, forças dos EUA fizeram mais de 30 ataques contra embarcações supostamente carregadas de drogas, com saldo de ao menos 130 mortos.

Petro, que vem de trocar um telefonema com o colega norte-americano e acertar um encontro pessoal para fevereiro, na Casa Branca, não moderou o discurso no que diz respeito aos métodos de Trump, inclusive no trato de

uma questão, em princípio, doméstica. Falando à emissora pública britânica BBC, o presidente colombiano classificou como “um ultraje” a perseguição movida contra imigrantes, em especial latino-americanos, pelo ICE, sigla que designa a polícia antimigração e é pronunciada como a palavra “gelo”, em inglês. “São brigadas nazistas”, comparou.

Questionado sobre como a Colômbia se defenderia, em caso de um ataque dos EUA, o presidente disse que prefere resolver o contencioso “pelo diálogo”. Lembrou, porém que “a história da Colômbia mostra como ela respondeu a grandes exércitos”. Ele não contempla, porém, a ideia de uma resposta militar convencional, e invocou a própria experiência na guerrilha do Movimento 19 de Abril (M-19). “Não se trata de enfrentar um grande exército com armas que não temos”, ponderou. “Em vez disso, contamos com as massas, com nossas montanhas e nossas selvas, como sempre fizemos.”

Três perguntas para

GUNTHER RUDZIT,
professor de relações
internacionais da ESPM

Como podemos interpretar o “modo Trump” de governar, atropelando normas, códigos e instituições, seja no âmbito doméstico ou no externo?

Trump é um autocrata, não é à toa que admira outros autocratas e se dá bem com eles — Vladimir Putin (Rússia), Viktor Orbán (Hungria) e mesmo Xi Jinping (China). Com esse estilo, e com as mudanças pelas quais a sociedade norte-americana passou, ele praticamente controla o Partido Republicano, e por isso consegue, internamente, fazer o que vem fazendo, pelo menos até a eleição (legislativa) de novembro, que poderá custar aos republicanos o controle da Câmara. Aí, talvez ele tenha de mudar um pouco.

Em que medida essas atitudes são um desdobramento do “estilo” desenvolvido por ele ao longo da trajetória no mercado imobiliário?

Por tudo que já se escreveu e se falou sobre ele, é um estilo agressivo desenvolvido no mercado imobiliário, mas ele também é um expoente, um reflexo das mudanças pelas quais a sociedade norte-americana passou, com a perda de postos de trabalho e de padrão de vida de muitos norte-americanos, devido à globalização e à desindustrialização dos EUA. Ele foi o primeiro a perceber essas mudanças, e não é o único. Existe uma gama de empresários que pensam como ele e o apoiam há muito tempo.

Existem, no cenário global, atores dispostos e/ou capazes de refreá-lo?

Depois das ações militares para extrair Maduro da Venezuela, com certeza, os governos da Rússia e da China, e seus militares, estão repensando muito fortemente qualquer possibilidade de confrontação direta com os EUA. Isso porque os sistemas antiaéreos russos e chineses não foram páreo para a estrutura militar norte-americana. Não vejo nenhum outro ator com essa capacidade de se contrapor à única superpotência. (SQ)

Sem planos para capturar Putin

Provocado por repórteres, na última sexta-feira, quando apresentava o resultado de uma reunião com executivos de multinacionais petroleiras para discutir a exploração do setor na Venezuela, Donald Trump descartou — por ora — a ideia de repetir com o presidente da Rússia, Vladimir Putin, o procedimento adotado com Nicolás Maduro para levá-lo a julgamento como narcoterrorista, na Justiça de Nova York. Putin tem contra si um mandado de prisão expedido pelo Tribunal Penal Internacional (TPI), que os EUA não reco-

nhecem nem acatam, sob a acusação de crimes de guerra cometidos na Ucrânia.

“Não acho que será necessário”, respondeu o presidente norte-americano, ao ser questionado sobre a possibilidade de autorizar uma operação militar para a captura do titular do Kremlin. Comprometido desde a vitoriosa campanha eleitoral de 2024 a resolver brevemente o conflito no Leste Europeu, Trump preferiu apostar as fichas no “cansaço” da Rússia, após quase quatro anos de combates. “A economia russa está em má situação”,

argumentou. “Acho que vamos acabar resolvendo isso.”

Para o cientista político Gunther Rudzit, professor de relações internacionais da ESPM, a relativa condescendência com o chefe do Kremlin tem a ver também com as boas relações que cultiva com ele desde o primeiro mandato na Casa Branca. Mas a supremacia militar dos EUA, além da posição como principal economia do planeta explicaria, na sua avaliação, também o conformismo aparente, não apenas de Putin, mas do

presidente chinês, Xi Jinping, com a intervenção aberta dos EUA na Venezuela — aliada e parceira de ambos, no terreno comercial e de defesa.

“Rússia e China não têm como se contrapor (a Trump), disse Rudzit ao **Correio**. “Ainda mais, porque não vejo a China sendo, no PIB nominal, uma economia maior que a norte-americana”, observa. “Não vejo a China ultrapassando o PIB nominal dos EUA. E isso, nesse jogo da percepção entre as superpotências, no jogo geopolítico, tem uma importância muito grande.”

Arquivo Pessoal

